



O TEMPO DA GRAÇA

Maria A. R. Abrão*

Resumo

A leitura do passado na experiência cristã é mais do que uma análise objetiva da evolução e da sucessão dos acontecimentos. Sem prescindir dos tecidos socioeconômicos e culturais nos quais está enraizado, aquele que crê se exercita nessa tessitura a discernir a comunicação, a solicitude de Deus para com os seres humanos. De modo mais radical, é o reconhecimento de como a circulação do amor divino permeia o tempo e, nele, as evidências que o habitam. Com esta finalidade, este artigo pretende fazer um esboço da percepção do tempo em sua dimensão teológica na reflexão do Pe. Antônio Vieira, SJ, englobando no caminho desse entendimento a fonte inspiradora singular que deu origem à Companhia de Jesus: Inácio de Loyola. Sua experiência e o legado de sua maneira de ajudar outros a distinguir a graça – universo no qual o ser humano vive e se move – permitem alargar o campo de compreensão e de melhor penetrar a atuação de Vieira. Simultaneamente, torna possível visitar o caminho de uma fé que desposa as realidades do seu tempo para ser fiel ao seguimento de Jesus Cristo e à vivência do evangelho.

Palavras-chave

Tempo. Graça. Fé. Antônio Vieira. Inácio de Loyola.

Resumé

La lecture du passé dans l'expérience chrétienne est au-delà d'une analyse objective de l'évolution et de la succession des événements. Sans faire fi des tissus socio-économiques-culturels où il lance ses racines, celui qui croit s'exerce à discerner la communication, la sollicitude de Dieu envers les êtres humains. De manière encore plus radicale, il s'agit de reconnaître la façon dont la circulation de l'amour de Dieu traverse le temps et, en lui, les évidences qui le constituent. Dans ce but, cet article veut esquisser la perception du temps dans sa dimension théologique dans la réflexion du P. Antônio Vieira SJ, y inclus la source inspiratrice qui a donné naissance à la Compagnie de Jésus : Ignace de Loyola. Son expérience et l'héritage de sa manière d'aider les autres à distinguer la grâce – univers dans lequel l'être humain vit et se meut – rendent possible d'élargir le champ de compréhension et mieux saisir la manière d'agir de Vieira. Elles nous permettent également de visiter le chemin d'une foi qui épouse les réalités de son temps pour être fidèle à la suite du Christ et à vivre son évangile.

Mots-clés

Temps. Grâce. Foi. Antônio Vieira. Inácio de Loyola.

Tempo. Qual é o preço a pagar para dele dispor? E quando dele se dispõe, aproveitá-lo. Por quê? Para quê? Esta é uma questão de ontem e de hoje habitando as preocupações humanas, como o testemunha Fernando Pessoa:

Aproveitar o tempo! Mas o que é o tempo, que eu o aproveite?

Aproveitar o tempo! Nenhum dia sem linhas... (...)

Aproveitar o tempo! Tirar da alma os bocados precisos – nem mais nem menos – para com eles juntar os cubos ajustados que fazem gravuras certas na história. (...)

Aproveitar o tempo! Não ter um minuto que o exame de consciência desconheça...

Não ter um ato indefinido nem factício...

Não ter um movimento desconforme com propósitos... Boas maneiras da alma... Elegância de persistir...

Aproveitar o tempo!

Meu coração está cansado como mendigo verdadeiro. Meu cérebro está pronto como um fardo posto ao canto (...).

Aproveitar o tempo!... Ah, deixem-me não aproveitar nada! (...)¹

Pensar o tempo da graça é situar-se na experiência cristã do tempo. Essa experiência atribui à iniciativa divina a organização histórica temporal em sua tríplice dimensão, na qual se desenvolve a história de uma relação, história santa e salvífica que vai da anamnese à realização escatológica, passando por uma incessante significação teológica do presente² significação tecida no tempo do mundo, em contextos socioculturais, políticos e econômicos, no coração de ambivalências, de realidades humanas que situam o homem diante de lógicas distintas.

Confrontado a tais lógicas e provocado a decifrá-las, aquele que crê é instado a abandonar o terreno das evidências – lugar confortável – para significar, na qualidade de pessoa de fé, o que lhe sucede.

Numa consideração sobre as distintas gerações – *baby boomers*, geração X, geração Y – e suas prioridades, Bauman acentua que “tudo o que nos é fácil, constante e fartamente acessível tende a ser óbvio demais para ser notado”. E prossegue seu argumento: “... se nos pedissem para

¹ PESSOA, Fernando. *Poesias*. Seleção de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM Editores, 1996.

² LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire critique de Théologie*. Paris: PUF, 1998.

fazer uma lista das coisas que consideramos ‘essenciais à vida’, dificilmente nos lembraríamos de mencionar o ar”. A obviedade, via de regra, não leva a pensar. “... o ar está presente a qualquer hora, em qualquer lugar; tudo o que temos de fazer é inspirá-lo na quantidade que nossos pulmões permitem”³.

Se admitirmos que a graça é o ar que respiramos – porquanto o homem foi criado em Cristo (cf. Ef. 1, 3ss) – pensar o tempo da graça é talvez se exercitar a deixar o campo das evidências e entrar decididamente num labor teológico.

Tempo da graça. O próprio título traz a qualificação: “da graça”. Para visitar sua dimensão teológica, a opção é a de um caminho em três etapas. E, nela, **três palavras** são fundamentais: discernimento do tempo, perseverança na esperança e seguimento no amor. Discerniremos o tempo, deixando-nos orientar pelo Pe. Antônio Vieira⁴, o que exigirá de nós um recuo de quatro séculos, tendo diante dos olhos as perguntas: e se o tempo fosse um aliado do ser humano em sua caminhada e não aquilo contra o que lutamos? E se estivéssemos vivendo a idade de ouro? A primeira parte será o contexto e o pretexto para visitarmos uma herança espiritual que modelou não somente Vieira, mas também grandes santos e personalidades na Teologia⁵. Nessa herança, o estatuto e o tratamento do tempo serão objeto da segunda parte. Finalmente, na terceira e última, olharemos para Aquele que é a graça em todo tempo.

1. Discernir o tempo com o Pe. Antonio Vieira⁶

1.1 A densidade teológica do tempo

Um espírito que tem pressa traduz bem a inquietude do coração desse jesuíta que prega a tempo e a contratempo, servindo-se de seus Sermões, sem, contudo, se limitar a eles, para denunciar injustiças e anunciar o Evangelho.

No seu tempo, também Vieira tentou falar como entendia o «tempo da graça» e até mesmo persuadir seus interlocutores sobre a sua concretude. Eram momentos difíceis. As vicissitudes da história levaram

³ BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 60.

⁴ Apoiar-nos-emos, sobretudo, na obra inacabada: *História do Futuro*. Edição crítica comentada e prefaciada por José van den BESSELAAR. Munster: Aschendoorff, 1976.

⁵ A título ilustrativo: Karl Rahner, Hans Urs von Balthasar.

⁶ Retomamos aqui alguns elementos de nossa publicação no livro: *Lembra-te do Futuro*. A teologia de Antônio Vieira à luz da História do futuro. São Paulo: Loyola, 2012.

o seu país a estar por muito tempo sob o jugo de outro povo⁷. É surpreendente como as contradições históricas não o dissuadiram, mas antes o estimularam a reconhecer a solicitude da Trindade para com os humanos. Hermeneuta incansável, Vieira procura entender: como a graça de Deus pode habitar esta história? Como a graça pode habitar estes tempos? Em geral, quando falamos de « tempo da graça », somos tentados a pensar em tempos idílicos. A ideia do paraíso terrestre alimentou correntes milenaristas⁸. Que conteúdo, porém, é colocado sob a palavra “graça”? Se a consideramos como “a solicitude divina para com o homem, tal como ela se encarna em Jesus Cristo e se comunica no mais profundo da natureza humana como dom do Espírito Santo”⁹, vemos não apenas que muitas outras perguntas poderiam ser acrescentadas, mas também que há, pelo menos, duas perspectivas distintas, duas diversificadas portas de entrada: do ponto de vista da Trindade que se dá e do ponto de vista da relação que se instaura. À sua maneira, Antônio Vieira se deleitou em refletir sobre isso. Ainda mais: esse deleite foi para ele uma necessidade, com implicações existenciais. Para o leitor a quem Vieira se dirige, o tempo da graça seria provavelmente isento de percalços, um tempo em que se pudesse conhecer o futuro. No movimento de uma projeção contínua, a graça estaria sempre lá onde o homem ainda não está (futuro) ou onde ele não está mais (passado recente), nem nunca esteve (passado muito distante). Este jesuíta traz em si muitas ambiguidades. É, a um tempo, realista e utópico, e – diga-se de passagem - não é o único a ter esse privilégio...

Na *História do Futuro*, mas também em algumas passagens dos *Sermões*, nós o vemos obstinado em descobrir na própria história, tal qual se apresenta, no presente que lhe é dado, as marcas de Deus (ver ainda o “Sermão de Santo Antônio aos peixes”¹⁰). Na *História do Futuro*, livro bastante árido, ele se aplica ao exercício de perceber, de discernir, de reconhecer a presença, o comunicar-se, o agir de Deus e, portanto, a graça em ação. Era no século XVII. E assim ele se expressou:

⁷ Na *História do Futuro*, Vieira retomarà diversas vezes a reflexão sobre esse sofrimento sob o jugo espanhol. Ver VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, edição crítica comentada e prefaciada por José van den BESSELAAR. Munster: Aschendoorff, 1976, v. 1, p. 94.

⁸ Para uma leitura com maior vagar sobre este ponto, ver: DELUMEAU, Jean. *Une histoire du paradis*. Mille ans de bonheur. Paris: Fayard, 1995.

⁹ FABER, Eva-Maria. Grâce, em: LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire Critique de Théologie*. Paris: PUF, 2007.

¹⁰ NORONHA, José. *Para uma leitura do Sermão de Santo Antônio aos peixes*, do Padre Antônio Vieira. Lisboa: Presença, 1998.

O tempo (como o mundo) tem dous emisferios: hum superior e visível, que he o passado; o outro inferior e invisível que é o futuro. No meyo de hum e outro emispherio ficão os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que himos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa¹¹.

Lugar onde o passado se termina e o futuro começa. Temos aqui uma **definição** do que é para ele o tempo, considerado em sua tríplice dimensão. O presente é, nessa visão, o entroncamento entre o passado e o futuro. Será que a sua preocupação é puramente especulativa? Da maneira como o seu projeto é tecido, vemos que ele busca o espaço para uma ação. Avesso à postura passiva ou a um pseudoabandono à Providência, mostra-se, antes, motivado e motivador para interferir no curso dos acontecimentos, criando, em certa medida, o tempo de tal intervenção. Leitor incansável das Escrituras¹², nelas busca luz e força para inventar no tempo que é o seu as formas de aplicar sua interpretação; interpretação que se recusa a se estagnar no passado ou a se projetar, como o lugar em que a graça marca encontro com o ser humano. Mais do que situar a importância na sucessão entre passado, presente e futuro, o caso é de sublinhar que o presente é o lugar em que o futuro se constrói. Evadir-se do presente faz o ser humano “perder a graça”. A esse respeito, Vieira faz um comentário irônico:

Em um mapa tão pequeno, tão plano e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os quiromantes não só linhas e caracteres distintos, senão montes levantados e divididos, e ali descrita a ordem e sucessão da vida e casos dela, os anos, as doenças, os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades e todos os outros futuros prósperos ou adversos: arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos¹³.

Sim, nas mãos humanas podemos ler e reconhecer o caminho da vida, todavia, numa compreensão bem diversa daquela que Vieira critica. E aqui temos um indicador: Deus coloca a graça no alcance das mãos humanas. O exercício é ainda o de tratar continuamente o presente à luz do futuro. Isso, porém, não seria evasão? Não. O futuro para Vieira já está dado na promessa e na realização da palavra de Deus dirigida ao

¹¹ VIEIRA, António. *História do Futuro*, v. 1, p. 72.

¹² Para dar-se conta da seriedade dessa afirmação, ver o projeto de Vieira que testemunha o seu espírito investigativo no que concerne à Escritura: VIEIRA, A. *Clavis Prophetarum*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000. Edição crítica por Arnaldo do Espírito Santo.

¹³ VIEIRA, António. *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão BUESCU. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da moeda, 1992, p. 49.

homem. Quanto mais este se referir existencialmente a essa palavra, tanto mais estará ancorado no seu tempo e na sua realidade.

A referência a essa palavra que não é a própria exige do homem que discerne o tempo a atitude de **fé**; atitude que na perspectiva do autor é sinónimo de gratidão, por ser resposta a um amor revelado não de maneira abstrata, mas na economia salvífica; não somente alicerçado na história do povo de Israel, mas à luz dessa história–indubitavelmente paradigmática – o Amor revela-se na história singular vivida em cada tempo. Aquela deve estar sempre diante dos olhos daquele que crê, como um farol. Nunca para ser repetida. Sua função é anamnésica. Aponta para o modo de proceder de Deus e para a fidelidade a uma palavra dada. É o mesmo Deus o de ontem e o de hoje. E faz parte inseparável da eternidade, da natureza de Deus, que todos os futuros lhe sejam presentes¹⁴. Já o ser humano está postado nos horizontes do tempo, no presente¹⁵. Vieira descreve assim essa relação: «*O homem, filho do tempo, reparte com o mesmo tempo ou o seu saber, ou a sua ignorância: do presente sabe pouco, do passado menos, do futuro nada*¹⁶». Contrariamente, no entanto, às aparências, a pertença ao tempo não constitui um obstáculo. Em vez de separar o homem de Deus, o reaproxima dEle, passando de lugar hostil ao encontro com Deus ao lugar dado por Deus para o encontrar. Assim a distância que separa o homem contemporâneo do evento fundante da fé cristã não o situa em desvantagem em relação às testemunhas oculares, mas dá meios inusitados de viver essa relação, enfatizando a dimensão pneumática e ratificando a palavra de Jesus.

1.2 “Durar” no tempo da provação

Meios inusitados... Uma vez mais, o universo poético pode ser útil à reflexão teológica...

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca,

¹⁴ Idem. *História do Futuro*, v. 1, p. 67.

¹⁵ Em seu trabalho sobre o tratamento do presente, F. Hartog ajuda a ver passagens significativas de compreensão do presente. Ele passa pelo presente homérico, o antigo dos filósofos, o renascente dos humanistas, o escatológico ou o messiânico, o presente moderno, e conclui que uma mudança se faz sentir: a luz que para os humanistas vinha do passado antigo comportando o dever de exemplo e de imitação, com o regime moderno de historicidade, provém do futuro. Em nossos dias, a luz vem unicamente do próprio presente e este se determina. Ver HARTOG, François. *Régimes d'historicité*. Présentisme et expériences du temps. Paris : Seuil, 2003, p. 218. Vieira não cessará de tratar o presente à luz do futuro que é para ele ao mesmo tempo promessa e realização da palavra de Deus dirigida ao homem.

¹⁶ Ver VIEIRA, António. *História do Futuro*, v. 1, p. 67.

para sempre”, escreve Rubem Alves. “Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão - sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação¹⁷.

Pensamos que Vieira tentou situar seus ouvintes ante a decisão radical que consente à transformação. Parece ocupado, na perspectiva de sua obra, em mostrar que o tempo com todas as circunstâncias que inclui não é um obstáculo entre Deus, que vive na eternidade e a humanidade, submissa às leis do tempo. Pensando o tempo como uma criatura¹⁸, dá a entender – mediante uma alusão a Rm 8, 38-39 – que Paulo lança um desafio também ao tempo ao afirmar que nada pode nos separar do amor de Deus manifestado no Cristo Jesus. Aceitando o fato de que Deus seja Deus, o ser humano acolhe em sua contingência a certeza que pode ser determinante na sua vida.

Por isso, a fé tem para Vieira um papel decisivo. E o “fogo” de que fala Rubem Alves, Vieira traduz numa perspectiva teológico-espiritual:

A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor não é seguir o sol quando ele se deixa ver claro e formoso, com toda a pompa dos seus raios. A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor residem em seguir o sol quando ele se nega aos olhos, escondido e encoberto de nuvens¹⁹.

E aqui entramos na segunda palavra fundamental do tema que nos ocupa, porque associada à fé está a perseverança. Perseverar, do latim *per* (totalmente) e *severus* (sério, estrito), quer dizer manter-se firme. Manter-se firme por teimosia? Não. A leitura teológica da história lembra que a promessa de Deus se realiza sempre, mesmo se o autor admite a possibilidade de que ela tarde a vir. A duração do tempo ao qual o homem é submisso ameaça lhe fazer esquecer a promessa. Será que Vieira quer por esse intermédio nos sugerir que a realização da promessa dependeria da consciência que dela tem o homem? Será que o desconhecimento dAquele

¹⁷ disponível em http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp.

¹⁸ Ver VIEIRA, António. *História do Futuro*, v. 1, p. 80.

¹⁹ VIEIRA, António. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão Ed., 1951, vol. VI. Sermão do Santíssimo Sacramento pronunciado em Roma no ano de 1674.

que faz a promessa impede seu cumprimento? Na lógica de sua teologia, parece-nos que não há influência sobre a promessa. Os termos esquecimento e desconhecimento são para ser ligados, no contexto a que ele se refere, com a gratuidade e o reconhecimento. Gratidão e reconhecimento remetem, por sua vez, não somente ao «ver», mas igualmente a certa qualidade de visão que pode manifestar as disposições do coração. Esta qualidade de visão não altera a realidade objetiva: os fatos estão lá. A negligência ou a recusa de vê-los, contudo, impede a leitura do modo como a promessa se cumpre, e projeta então o homem num futuro que lhe deve trazer o que já vem a ele, mas que ele não reconhece.

1.3 Discernir a promessa no tempo

A esperança e o tempo estão ligados. A esperança implica durar. A fuga da duração pode provocar a infidelidade. O que pode, entretanto, nos permitir esperar? Esperar não é fácil. O próprio Vieira o reconhece: «*Ainda que seja muyto segura, muyto firme e muyto bem fundada a esperança, he um tormento desesperado o esperar*²⁰». Lembra que os profetas várias vezes foram objeto de zombaria por causa de sua esperança na promessa que demorava a se realizar²¹. Reconhece também que, na História Sagrada, foi preciso várias gerações até chegar o dia de entrar na Terra Prometida²². É verdade, há esperanças que tardam, mas há as que vêm. E o reconhecimento das que vêm alimenta e dá forças para esperar as que devem vir. Isso não é um jogo de palavras: é interpelação a discernir esperanças e, nelas, descobrir a vida de que são portadoras. A impressão de que as promessas não se realizam semeia a desconfiança sobre a palavra dada. Esta desconfiança tem um influxo sobre a atitude humana perante a esperança no futuro. O homem é então tentado a viver com os olhos colados no passado ou no presente, uma vez que não há nada a esperar. O binômio promessa-esperança, no entanto, poderia ser um «lugar teológico» onde se torna possível uma síntese harmoniosa: presente, passado, futuro.

Se fosse simplesmente uma palavra humana, poderia levar à ilusão, dada a facilidade com a qual o homem promete o que não pode dar. Quando esta promessa, contudo, vem de Deus e se fundamenta nEle, ela

²⁰ Idem. *História do Futuro*, v. 1, p. 78.

²¹ Resta-nos compreender a alusão à passagem da página 79, em que Vieira toma distância com relação aos profetas da Escritura que falavam de esperanças de maior prazo. Será para dar mais credibilidade à sua História ao falar de esperanças breves? Será para fazer a crítica das promessas que, tentando acalmar o povo, o mergulhava na inércia?

²² Ver VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, v. 1, p. 79.

abre à esperança que não decepciona. O risco é o de que a esperança possa ser objeto da usura do tempo. Sendo assim atingida, provoca fissuras na fidelidade.

Para levar a sério a revelação de Deus, faz-se necessário dar-se conta de que Ele, sem ser submisso às leis do tempo, se compromete com o homem que vive no tempo. Dá-lhe sua palavra, entrega-lhe sua promessa e o conduz ao seu cumprimento, que é o final de um processo. E é se engajando dessa maneira que Deus não destrói nem as liberdades, tampouco as leis do tempo.

2. A Seiva Inaciana: inspiração de ontem e de hoje

2.1 Habitar o tempo com Deus

É bastante provável que, na escola de Inácio, Vieira tenha se exercitado a discernir os distintos tempos e, neles, simultaneamente, tenha observado a relação do ser humano com a Trindade e os frutos que essa relação produz. Os *Exercícios* de Inácio de Loyola conhecem um dinamismo peculiar que passa continuamente pela prática do discernimento. Esta é uma maneira quotidiana de reconhecer no cerne do que vive o homem, no coração das forças que o agitam, a autocomunicação de Deus que o situa em movimento (moções). E, uma vez identificada, o homem é mobilizado a não parar nela, mas a “tirar proveito”, colher os frutos da experiência no sentido de orientar-se para uma ação. O exercício inaciano possui uma força inaudita do ponto de vista da perspectiva que nos ocupa: provoca o homem a ver a realidade, a nela mergulhar com Cristo e assim ser “devolvido” ao seu hoje, que é lugar teológico por excelência.

É preciso, contudo, enfatizar – porque nos parece que esta é uma riqueza particular da experiência de Inácio – o fato de que tudo, absolutamente tudo o que se faz na vida, na banalidade do cotidiano, é “matéria” do exercício de que acabamos de falar. Há duas frases muitíssimo conhecidas que querem expressar uma atitude de fundo: “Contemplação na ação” e “Ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”. Acreditamos que a segunda expressa de modo menos ambíguo a especificidade do olhar de Inácio.

Ainda uma vez: trata-se de um exercício que Inácio convida a delimitar no tempo (em todo tempo) e, sobretudo, a intensificar no tempo da provação (desolação). Diz a tradição que, em Alcalá, Inácio ajudava os estudantes jesuítas a discernir no cotidiano as astúcias do inimigo da

natureza humana que tenta afastar o ser humano de Deus: "não retardemos nunca uma boa obra, por pequena que seja, pensando que faremos outras maiores em outro momento. É, com efeito, uma tentação habitual do inimigo fazer que se coloque a perfeição nas coisas futuras e nos conduzir ao desprezo das coisas presentes"²³.

Os exercícios propostos por Inácio manifestam à profusão o presente, inscrevendo-se na elaboração incessante entre confluência do passado e gestação do futuro. E o homem é ator na medida em que acolhe Aquele que vem a ele.

Vieira será particularmente sensível a tais frutos. E há de se convir que, mesmo se mantendo discreto nas referências explícitas à sua pertença, ele se inscreve nessa tradição.

2.2 Fidelidade ao tempo real

Inácio tem um modo de aceder ao Evangelho que expressa grande liberdade. Isto se manifesta, sobretudo, nos *Exercícios Espirituais* e nas *Constituições*. O caminho, entretanto, para uma progressiva liberdade foi longo, como o testemunha a *Autobiografia*²⁴. Ele leva a sério o fato de que entre Deus e o ser humano se realiza um encontro de liberdade e amor sempre atual. Por isso, na dinâmica da experiência inaciana, é fundamental contemplar Jesus Cristo na multiplicidade dos mistérios de sua vida, acompanhando-o em sua trajetória terrena. Para tanto, o homem todo é solicitado, inclusive com seus cinco sentidos. Com que finalidade? Unicamente com o objetivo de concretizar o mais plenamente possível o seguimento de Jesus e a maior aproximação com o seu modo de viver. Inácio - já no seu tempo -, no entanto, se dá conta de que, se é verdade que o apelo do seguimento guarda toda a sua atualidade, é igualmente verdadeiro que, no desenrolar da história das sociedades e da evolução do mundo, circunstâncias muito diversas se expressam a pessoas muito distintas advindas de realidades igualmente diferentes. E aqui Inácio, com grande liberdade, nas *Constituições* que deixa aos seus companheiros, nas grandes linhas, diretivas e orientações, não hesita em situar quase como um refrão: "segundo as circunstâncias de tempo, de lugares e de pessoas"; não esperar que os lugares, os tempos se adaptem ao ideal, mas neles imergir arraigados nos mistérios da vida de Cristo: tarefa e desafio.

²³ Epist. Ign. XII 676. Monumenta Historica, SJ, citado por GIULIANI, Maurice. *L'accueil du temps qui vient*. Études sur saint Ignace de Loyola. Paris: Bayard, 2003, p. 264 ss.

²⁴ LOYOLA, Inácio. *Autobiografia*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1987.

Aparentemente este foi um dos embates de Vieira: nas circunstâncias e nas adversidades históricas, ter diante dos olhos o paradigma da história da salvação como condição de interpretar as tensões, os acontecimentos e discernir a ação. E, ainda, mostrar o Espírito presente em todo tempo²⁵; denotar que o presente, por não ser o ideal, não pode ser desqualificado e que não é em nada – nem teológica, tampouco moralmente – superior, inferior ou menos fecundo do que os tempos que nos precederam. Tomado tal qual ele se apresenta, sem nenhuma tentativa de tecer falsas aparências, de maquiá-lo, o ser humano pode acolher a graça que vem a ele no tecido mais inusitado, chegando a compreender que a idade de ouro era ontem, é hoje, será amanhã.

2.3 *Ad amorem*

Se a contemplação dos mistérios de Cristo permite o discernimento do tempo e da graça do tempo que acabamos de considerar, tal discernimento não é apenas exercício do intelecto, tampouco uma análise teológica estéril. Na intuição de Inácio, é o pressuposto de um agir lúcido. “O amor deve se colocar nas ações, mais do que nas palavras”²⁶. Diante da graça, isto é, do comunicar-se gratuito do Deus trinitário e do seu agir em favor da humanidade, a liberdade humana acha-se confrontada com a expressão vital que enseja dar a si mesma, à luz do Evangelho, fonte da qual Inácio propõe a contemplação. Nela, “o ato humano que é a livre resposta ao dom livre e sem motivo de Deus o eleva acima de toda ética puramente teleológica...”²⁷. Por isso, o tempo da graça poderia aqui ser considerado ainda sob o aspecto do tempo da gratuidade, do amor desinteressado, precisamente à maneira do Filho encarnado. Não sem razão, o Papa Francisco exortava a “sermos ‘descentralizados’, a ter adiante o ‘Cristo sempre maior’, o ‘Deus sempre maior’, (...) que nos leva continuamente para fora de nós mesmos, leva-nos a uma certa *kenosis*, a sair do próprio amor, querer e interesse” (EE, 189)²⁸.

Trata-se então, para o ser humano à luz do discernimento do tempo - neste e não em outro – acolher e assumir na concretude das circunstâncias o seguimento dAquele cujo mistério contemplou e que, em sua vida

²⁵ VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, p. 159.

²⁶ LOYOLA, Inácio. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. São Paulo: Loyola, 2010, nº 230.

²⁷ BALTHASAR, Hans Urs. *La gloire et la croix* IV. Le domaine de la métaphysique. Les constructions. v. 85, Col. Théologie, Paris: Aubier-Montaigne, 1982, p. 162.

²⁸ PAPA FRANCISCO. Homilia do dia 31 de julho de 2013, disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130731_omelia-sant-ignazio.html

terrena, se revelou como a Graça do Pai sofrendo toda espécie de desprezo e de injustiça - porque a graça tem um nome.

3. A Graça no tempo

3.1 A abrangência da graça

A graça não entra em ação na vida do mundo e dos homens somente em momentos privilegiados. Está constantemente no quadro dos sucessos e dos dramas da humanidade. Nem sempre, todavia, pode ser vista “a olho nu”. Daí a importância das diversas mediações, dentre as quais os *Exercícios* de que falamos.

É impregnado das práticas inacianas, expressão de um espírito no qual foi formado, que Vieira lê, interpreta, prega, debate, combate a tempo e a contratempo. Filho de Inácio, Vieira levou muito a sério o caráter concreto da encarnação da palavra de Deus acolhida na fé. Nada escapa desse concreto: os nobres, a realeza, os colonizadores, os colonizados, toda a sociedade era convocada por Vieira para confrontar a vida com essa palavra.

Até agora não encontramos nos escritos de Vieira nenhuma alusão explícita ao que diz um trecho dos *Exercícios Espirituais* no contexto da Meditação sobre o Reino: “... querer fazer tudo pelo seu [de Deus] maior serviço e louvor, imitá-lo no suportar também as injúrias, desprezo, pobreza”²⁹. A ausência das referências ou citações, entretanto, não expressa a mímica da realidade. Talvez não seja exagerado afirmar que a referência à economia salvífica era imperativa para ele; referência que, sem ignorar seus ímpetos utópicos e algumas vezes pouco plausíveis, lhe valeu muitas incompreensões, porque entendia que desmascarar injustiças e projetos antievangélicos fazia parte da hermenêutica da graça de Deus.

O “Sermão de Sto António aos peixes”³⁰ - bastante ilustrativo do desmascaramento da opressão reinante no Maranhão – mostra o empenho em trazer à luz o que ele chama de antropofagia social:

[...] importa, peixes, que advirtais muito outras tantas cousas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus, que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz, que os comem de

²⁹ LOYOLA, Inácio. *Exercícios Espirituais*, nº 98.

³⁰ NORONHA, José. *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes*, do Padre António Vieira, p. 124 e ss.

qualquer modo, senão que os engolem e os devoram. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros³¹.

Rechaçar a injustiça faz parte do movimento da graça, ainda que com a certeza de ser ignorado, desprezado.

3.2 O Reino de Deus está próximo

Poder-se-ia pensar na graça desvinculada das exigências de justiça? Como refleti-la dissociada da proximidade do Reino?

Tanto nos *Sermões* como na *História do Futuro*, é facilmente observável o lugar concedido à dimensão social humana. À luz da fé, Vieira quer reler a vida social e política; quer lutar contra uma paralisia cristã.

Nesse sentido, vemos cada vez mais claro que seu interesse pelas Escrituras não é apenas o interesse por um documento fundador. Uma vez feita a experiência do discernimento da fé, da perseverança apoiada na fidelidade de Deus - experiência que engendra a esperança - é imperativo para ele passar ao seguimento e ao anúncio. A esperança está longe de ser interpretada como situação estática de bem-estar daquele que acredita. É dinâmica e «apressa» o Reino - elemento unificador do discurso de Vieira - que por sua vez é compreendido como boa nova que possui uma perspectiva universal³².

Vieira é impulsionado pela mesma exigência ética que encontramos no evangelho. A justiça do Reino cuja realização, segundo Mateus, se dá no cumprimento da vontade de Deus requer de cada pessoa uma decisão existencial: escolher o verdadeiro tesouro (Mt 6,19-21) que mobiliza a pessoa toda em vista de um engajamento exclusivo na busca do essencial (6, 24) e a recusa de toda preocupação que se constitui em obstáculo (Mt 6,25-34). O evangelista lembra o leitor que nenhuma pertença é em si garantia para se julgar participante do Reino, como o indica Mt 22, 10-14. Sem a resposta implicando uma reorientação de toda a vida, isto é, sem a conversão, não é possível nele entrar. Os títulos, as disposições exteriores são insuficientes se não representam expressão de

³¹ Idem, *ibid.*, p. 137.

³² Nenhuma parte do mundo é excluída do que Vieira nomeia "o Império" que Cristo estabelecerá sobre a terra. E esta totalidade não é para Vieira uma figura de linguagem, mas uma realidade que será levada a bom termo pelo Cristo, cabeça de todos e de tudo. Ver VIEIRA, António. *História do Futuro*, v. I, p. 86.

um movimento interior. Nessa linha, Vieira critica ferozmente a opulência do reino e é consciente de seu perigo para a vocação e a missão que ele atribui não apenas aos cristãos em geral, mas também ao seu povo de modo especial - vocação e missão que se manifestam num caminho de fé.

3.3 O caminho da fé

Fiel a si mesmo, Vieira não elabora um “conceito” de fé. Ele a professa. Para ele é de persuadir seus ouvintes de que ela é uma resposta vital; não a uma doutrina, mas Àquele que é a Graça de Deus por excelência. Para isso, está convicto da importância do aproximar-se da totalidade do mistério e, nele, da encarnação³³, vida, paixão de Jesus para “humanizar o humano”; aproximação que para ele se dá de modo privilegiado no testemunho das Escrituras e que colabora para estabelecer um diálogo vital e fecundo entre promessa e transfiguração progressiva das realidades desumanas que afastam o homem da condição primigênia: ser imagem e semelhança de Deus.

Vindo entre os homens, Jesus partilha plenamente a humanidade. Sua união ao criado é irrevogável. De certa maneira, eu ousaria dizer que podemos ler em Vieira um pedido indireto dirigido ao homem³⁴, a saber: que este também, por sua vez, desça “do céu” e que despoje as realidades terrestres por fidelidade à lógica cristológico-trinitária.

Se a fé é o que permite ler a graça, poderá esta fé, assim compreendida, ser ouvida?

Considerações finais

A personalidade multifacetada de Antônio Vieira não permitiu aos seus contemporâneos que os diversos ruídos sufocassem a suave força do Verbo que nas palavras de suas pregações permaneceu límpida e mordaz, ultrapassando os recursos da retórica. Sua ação foi, sobretudo, lembrança inquieta e incômoda, interpelando a fazer o caminho de um discernimento do tempo, das fontes, indicando a maneira de nele habitar e, finalmente, nele, a se aproximar dAquele que não cessa de vir ao encontro do ser humano por mediações surpreendentes.

³³Para isso, basta ver, entre outras coisas, a insistência de seu argumento quando se cuida de defender o domínio temporal do Reino de Cristo. Está igualmente convicto do mistério da Redenção, reconhecendo que a humanidade foi resgatada pelo preço do sangue de Cristo. Ver VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, v. 2, p. 313.

³⁴ VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, v. 2, p. 299-300.

“Onde está a graça?” É a pergunta que fazemos frequentemente quando não entendemos grande coisa...

Vieira entrou para a plenitude da vida em 1697, mas cremos que seus escritos nos dão material o bastante para uma elaboração própria dessa resposta ou, ao menos, para os elementos em vista de uma resposta. História, espaço, tempo... categorias tão humanas aparentemente contrastantes, para muitos, com a Presença do Deus Trino que as habita e as ultrapassa - lugares dados aos humanos para tecer.

Enquanto a ideia do tempo que foge (*tempus fugit*) pode produzir a angústia, a ansiedade, até mesmo a culpabilidade, este filho de Inácio de Loyola, sem negligenciar os paradoxos, introduz seu leitor numa outra dimensão: o tempo é aliado, é lugar dado aos humanos para ruminar, tecer, a fim de ler a trama de Deus com a vida e fazer a trama da vida com Deus. Não se corre contra o tempo. “Corre-se” com ele.

Viver no tempo é lei de nossa humanidade. Nele imergir e dele emergir com todo o criado e associado a todas as criaturas trazendo as cicatrizes por habitá-lo à maneira dAquele que foi morto e ressuscitado, é movimento da graça.

A certeza de que Deus continua como sempre a se dar e a se comunicar ao homem marca a sua leitura e a compreensão definitiva de que a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo que continua a vir ao homem em todo tempo.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, M. *Lembra-te do Futuro*. A teologia de António Vieira à luz da História do futuro. São Paulo: Loyola, 2012.

ALVES, R. http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp acessado em 20 de outubro de 2014.

BALTHASAR, Hans Urs. *La gloire et la croix* IV. Le domaine de la métaphysique. Les constructions. Col. Théologie v. 85, Paris: Aubier-Montaigne, 1982, p. 162.

BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 60.

DELUMEAU, Jean. *Une histoire du paradis*. Mille ans de bonheur. Paris: Fayard, 1995.

FABER, Eva-Maria. Grâce, em: LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire Critique*

de *Théologie*. Paris: PUF, 2007.

GIULIANI, Maurice. *L'accueil du temps qui vient*. Paris: Bayard, 2003.

HARTOG, François. *Régimes d'historicité*. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire critique de Théologie*. Paris: PUF, 1998.

LOYOLA, Inácio. *Autobiografia*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2010.

NORONHA, José. *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes*, do Padre António Vieira. Lisboa: Presença, 1998.

PAPA FRANCISCO. Homilia do dia 31 de julho de 2013, disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130731_omelia-sant-ignazio.html acessado em 21 de outubro de 2014.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Seleção de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: LPM Editores, 1996.

VIEIRA, A. *Clavis Prophetarum*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000. Edição crítica por Arnaldo do Espírito Santo.

VIEIRA, A. *História do Futuro* v. 1 e 2, edição crítica comentada e prefaciada por BESSELAAR, José van den. Munster: Aschendoorff, 1976, p. 94.

VIEIRA, António. *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da moeda, 1992.

VIEIRA, António. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão Ed., 1951, vol. VI.

**Maria A. R. Abrão*

Doutora em Teologia pelo Centre Sèvres,
Facultés Jésuites de Paris, com a tese "Mystique et politique chez António
Vieira". Atualmente é professora e coordenadora do
Curso de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco.